

# Belo Horizonte e os moradores de rua: reinserção ou limpeza?

Aritana Sousa Dutra de Melo

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A importância do uso da imagem na investigação social deve-se à possibilidade de reunião de um vasto conjunto de informações de maneira imediata, algo que demanda um maior esforço quando é feito por meio de escrita ou descrição oral. Apesar de se tratar de um sentido humano tão importante para apreensão da realidade que o cerca – a visão – essa modalidade de expressão, interpretação e apreensão ainda é bastante subestimada na pesquisa científica e no campo dos estudos organizacionais (GODIM; FEITOSA; CHAVES, 2007).

Dada a importância dessa forma de investigação dos fenômenos sociais, realizo aqui um registro fotográfico a fim de apreender e discorrer sobre imagens da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, relacionadas à temática de “recuperar a cidade”, em especial no que tange a população de rua.

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 2 | N. 3 | ABRIL | 2015 | ISSN: 2358-6311



A noção de recuperar a ser adotada no ensaio fotográfico será a de recuperação enquanto gentrificação. Wacquant (2010, p. 56), ao se referir sobre a literatura do conceito de gentrificação disserta:

a literatura sobre gentrificação examinada por Slater reproduz para essas áreas a tendência geral da política pública de *invisibilizar o pobre urbano*, seja dispersando-os (como com a demolição e a desconcentração da habitação pública), ou contendo-os em espaços reservados (áreas de perdição e estigmatizadas e o sistema prisional expandido ao qual eles são preferencialmente vinculados).

Diante disso, abordaremos no registro práticas de “recuperação”, partindo do ponto de vista do poder público, neste caso a prefeitura de Belo Horizonte, e sua concepção do que seja recuperar o espaço urbano no que se refere à população de rua e à existência ou não de políticas públicas que envolvam esse fenômeno social.

Abordamos, fotograficamente, imagens da população em situação de rua em suas respectivas situações de permanência, seja na rua, em camas improvisadas ou ao relento, ou em albergues. Assim, fotografo além de diversas ruas da cidade, o abrigo institucionalizado fornecido e gerido pela Prefeitura de Belo Horizonte aos moradores de rua, o Serviço de Acolhimento Institucional para a População de

Rua e Migrante. Busco também captar cenas referentes a atitudes e momentos que envolvam o morador de rua, como a doação de alimentos e esmolas ou eventualmente algum momento inesperado, por exemplo. Registro fotograficamente, também, mecanismos utilizados pela prefeitura para impedir a permanência de moradores de rua em alguns locais como sob um viaduto ou passarela. Almejo, por meio das imagens, apresentar a contradição entre a prefeitura que planeja a cidade e disponibiliza o abrigo ser a mesma que impede a permanência dessa população em alguns locais com o uso de métodos humanamente questionáveis (HONORATO, 2014).

De acordo com Carrieri *et al.* (2009), ao gerir a cidade nos últimos anos, a Prefeitura de Belo Horizonte instituiu mecanismos de forma a disciplinar o comportamento humano e “revitalizar” o centro da cidade. Este fenômeno, que se ergue no sentido do manejo humano, não se trata de algo novo e pontual, e remete a práticas já presentes na Europa no século XVIII e no Brasil no século XX. Segundo os referidos autores, a questão do manejo humano:

é expressão da cumplicidade do Estado com o capital e de sua incapacidade fundamental e contraditória de resolver os problemas que ele mesmo pretensamente é encarregado de fazer, pois suprimir toda e qualquer desigualdade social requer a autossupressão do próprio Estado (CARRIERI *et al.* 2009, p. 1338).

## OS MORADORES DE RUA

Figura 1 – Moradora de rua



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A moradora de rua apresentada na figura 1 foi uma das poucas mulheres encontradas ao longo do trajeto urbano percorrido durante a realização do registro fotográfico. A jovem mulher fugia de uma traficante com a qual havia se desentendido em uma discussão banal em que esta cobrava um objeto seu que havia emprestado, e a jovem não sabia que a desafeta era traficante. A moradora de rua argumentou que talvez não saísse bem na foto, pois fora agredida no rosto. O local em que ela se encontrava era próximo de outros

moradores de rua, pois ela procurava segurança. Conforme Vieira, Bezerra e Rosa (2004), os moradores de rua possuem um modo de vida próprio, em que desenvolvem formas peculiares de garantir a sua sobrevivência e convivência. Tais práticas específicas são táticas cotidianas, como aponta Certeau (2008).

Figura 2 – Moradores de rua



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Os moradores de rua da figura 2 encontravam-se na calçada de um hospital. Simpáticos, perguntaram o cunho do registro fotográfico, desejaram um bom trabalho e sorte à fotógrafa. Os sujeitos da fotografia são o outro, o desconhecido

sobre o qual se estabelecem premissas, conceitos, rótulos. Somente a aproximação mais densa, o contato e entrada nesse universo permite uma apreensão mais precisa de quem são esses sujeitos. O estigma de violência associado ao comportamento dos moradores de rua não se confirmou em nenhum contexto durante o registro fotográfico.

A inexistência de uma moradia definida aos moldes convencionais de habitação da cultura ocidental nos faz refletir sobre aspectos como o pertencimento e identidade dos sujeitos que fogem aos padrões hegemônicos. Vieira, Bezerra e Rosa (2004) apresentam a rua com relação à população de rua em dois sentidos distintos: um enquanto abrigo para os que não dispõem de recursos e fazem dela uso circunstancial, e outro para os que dela fazem uso enquanto modo de vida, dessa forma constituindo além do hábitat, uma rede complexa de relações. Subdividem ainda as autoras três tipos de situações de permanência na rua: ficar na rua, estar na rua e ser na rua, o que respectivamente corresponde a permanecer na rua circunstancial, recente ou permanentemente.

Figura 3 – Agradecimento de um morador de rua a uma voluntária



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na figura 3, o morador de rua agradece a ajuda de uma voluntária de um grupo de cunho religioso. Além de alimentos, o grupo também entrega uma mensagem religiosa e reflexiva. As ações voluntárias e relativas ao terceiro setor são fundamentais para a sobrevivência desses sujeitos sociais. Quando o Estado falta, segmentos sociais agem na tentativa de melhorar as condições de parcelas da sociedade. O agravamento da desigualdade e a segregação social manifestas nas precárias condições da população de rua, entre vários aspectos são também

resultado do contexto socioeconômico de reestruturação produtiva em que há aumento do desemprego e dos subempregos.

## A PREFEITURA E O ABRIGO

Figura 4 – Placa de identificação e inaugural do Serviço de Acolhimento Institucional para a População de Rua e Migrante



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Representado na figura 4, o “abrigo”, como é mais popularmente conhecido o Serviço de Acolhimento Institucional para a População de Rua e Migrante,

funciona como um instrumento no sentido de gentrificar a cidade (enobrecimento de áreas por meio da eliminação de populações pobres ou de baixa renda) (BRITTO; JACQUES, 2009), e de promoção do manejo humano (CARRIERI, *et. al.*, 2009). Nesse sentido, “‘incluir’ e ‘limpar’ parecem ser o mesmo que ‘esconder’ e ‘enclausurar’” (CARRIERI *et al.* 2009, p. 1378).

Figura 5 – Aspecto físico externo do Serviço de Acolhimento Institucional para a População de Rua e Migrante



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A figura 5 tenta representar a visão dos moradores de rua na maior parte do tempo, a visão de baixo para cima. A visão de baixo refere-se tanto ao sentido literal da palavra, em decorrência de esses atores passarem sentados, no chão, a maior parte do tempo, olhando para transeuntes que trafegam acima de si, quanto no que se refere ao lugar que lhes tem sido reservado na sociedade, o chão.

A resposta da sociedade para quem não se enquadra é o estigma: *vagabundo, malandro, vadio* ou quando muito *coitado*; ele é o *outro*, o que não faz parte, que precisa ser afastado ou reintegrado. No entanto, o morador de rua assume de forma extremamente rígida o estigma lançado sobre si, utilizando os olhos da sociedade para avaliar sua condição social. Sente-se um *fracassado*, um *caído*<sup>1</sup> (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 2004, p. 100).

---

<sup>1</sup> Grifos das autoras.

Figura 6 – Refeitório do Serviço de Acolhimento Institucional para a População de Rua e Migrante



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No "abrigo" são fornecidas refeições pela manhã, no almoço e à noite. A figura 6 tenta aproximar o leitor do momento da refeição, o prato tenta ativar os sentidos relativos à fome-saciedade numa relação dialética. A bandeja-prato completamente consumida tenta traduzir o cotidiano de fome a que é submetida diuturnamente essa parcela da população.

Figura 7 – Dormitório do Serviço de Acolhimento Institucional para a População de Rua e Migrante



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na figura 7, as camas devidamente alinhadas e organizadamente dispostas levam à contramão do cotidiano desses sujeitos na rua. A limpeza e o conforto do espaço representam um paradoxo em relação ao universo exterior, o espaço que lhes pertence.

Figura 8 – Cartazes com algumas das regras do abrigo



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na figura 8, o vidro embaçado procura situar o leitor a respeito da distância entre o usuário do estabelecimento, e o que o fornece. Uma separação dual assim como a cidade-conceito, planejada e colocada à população em geral e a cidade praticada, vivida e desenhada por esses moradores de rua (CERTEAU, 2008). Na rua, a vida não tem regras. No abrigo, sim. A casa do morador de rua é o nada e é o todo: a cidade.

Figura 9 – Fila conformada na área exterior ao abrigo antes de sua abertura  
antes de sua abertura



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Apesar de serem fornecidas vagas aparentemente numerosas (400 para moradores de rua), o Serviço de Acolhimento Institucional para a População de

Rua e Migrante não é suficiente para todos que dele necessitam, o que gera longas filas (figura 9). O estabelecimento que busca cumprir o papel de abrigo limita a permanência em seu espaço a certos horários, abrigando dentro de certas imposições.

## A PREFEITURA E A LIMPEZA URBANA/HUMANA

Figura 10 – Arames cortantes sob um viaduto



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A prefeitura de Belo Horizonte, a mesma que dispõe do Serviço de Acolhimento Institucional para a População de Rua e Migrante, o qual não é suficiente para todos, é a mesma que dispõe de arames cortantes sob um viaduto próximo a um *shopping* numa das principais avenidas da cidade: a Avenida Cristiano Machado (figura 10). A fotografia é uma manifestação explícita de mecanismos da prefeitura no sentido de promover a “higiene” na cidade, o que inclui os que não se ajustam à ordem urbana.

Figura 11 – Pedras sob uma passarela

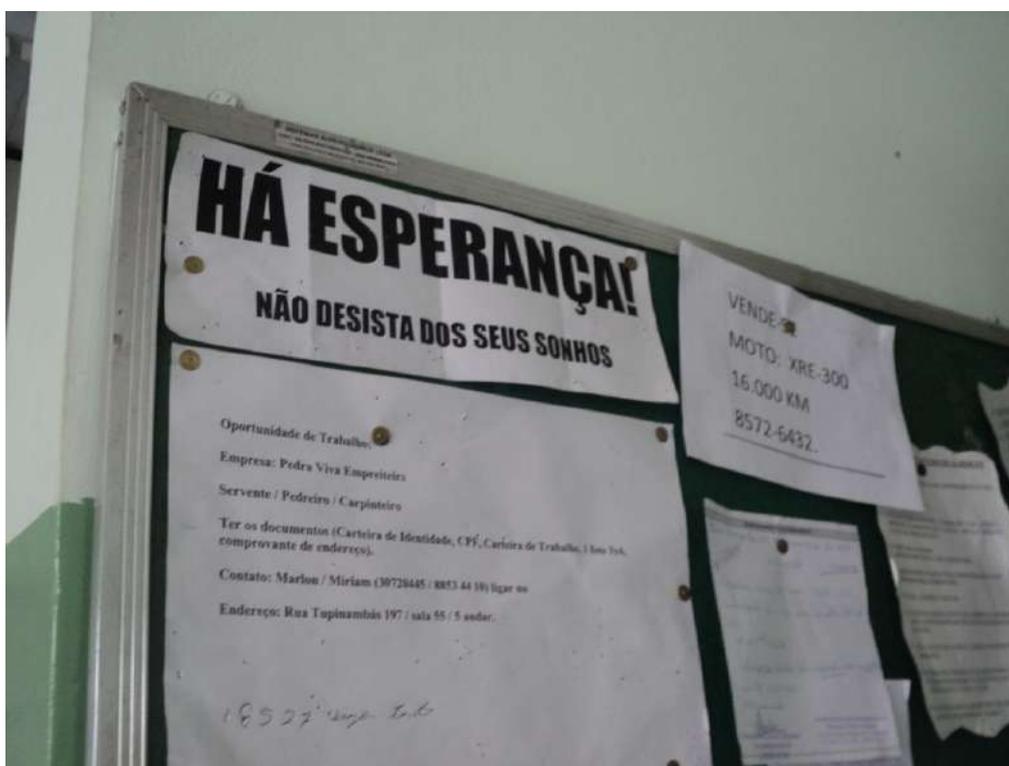


Fonte: Acervo pessoal da autora.

Além dos arames cortantes, também são dispostas pedras sob uma passarela no sentido de ali evitar a permanência de moradores de rua (figura 11).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 12 – Pequeno cartaz no mural do abrigo



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A frase reflexiva (figura 12) remete ao cotidiano dos moradores de rua, desprovidos de moradia, de posses, de emprego, e de uma vida nos padrões culturais convencionais. Este sentimento talvez seja um dos mais presentes na

vida desses atores sociais. A esperança da esmola, a esperança do alimento, a esperança do horário de abertura do abrigo. A esperança, este sentimento intangível, não precisa de espaço físico para ser guardado ou transportado. Esperança e sonhos aparecem como dois sentimentos que nos levam à reflexão a respeito do imaginário e dos valores desses sujeitos: moradores de rua, anônimos cotidianos desconsiderados pela história (CERTEAU, 2008).

## REFERÊNCIAS

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Corporeidade: arte enquanto micro-resistência urbana. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 21, n. 2, p. 337-350, maio/ago. 2009.

CARRIERI, A. P.; MARANHÃO, C. M. S. A.; MURTA, I. B. D. Crítica ao manejo humano em Belo Horizonte. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 6, p. 1315-1342, nov./dez. 2009.

CERTEAU, M. D. *A invenção do cotidiano*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 1. 352 p.

GONDIM, S. M. G., FEITOSA, G. N., CHAVES, M. A. Imagem do trabalho: um estudo qualitativo usando fotografia em grupos focais. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 11, n. 4, p. 153-174, out./dez. 2007.



HONORATO, B. E. F. Ordem e subversão nas cidades: um estudo sobre a população em situação de rua de Belo Horizonte. 2014. 218 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. (Org.). População de rua: quem é, como vive, como é vista. São Paulo: Hucitec, 2004. 181 p.

WACQUANT, L. Ressituando a gentrificação: a classe popular, a ciência e o estado na pesquisa urbana recente. Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 58, p. 51-58, jan./abr. 2010.

## Belo Horizonte e os moradores de rua: reinserção ou limpeza?

### Resumo

Os moradores de rua correspondem a um contingente populacional das cidades, sobretudo dos grandes centros urbanos. Em situação de pobreza, esses atores sociais fazem uso da rua como forma de habitação e sobrevivência. No entanto, a forma não convencional de seu modo de vida é vista pelo poder público como indesejável. Neste registro fotográfico busco apresentar e compreender, por meio de imagens, a temática da “recuperação das cidades” no que tange à relação entre o poder público, a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, e a população de rua. A partir da observação das fotografias é possível concluir que a prefeitura encara a população de rua como problema e não assiste a maioria desse contingente populacional. Ademais, por meio de mecanismos que visam ao afastamento dessa população de determinados espaços da cidade, o órgão público busca a gentrificação na cidade por meio dessa parcela da população.

### Palavras-chave

População de rua. Prefeitura. Gentrificação.

## Belo Horizonte and homeless people: reintegration or cleaning?

### Abstract

Homeless people are at a population group of cities, especially the large urban cities. In poverty, these social actors make use of the street as a form of housing and survival. However, their unconventional way of life is seen by the government as undesirable. In this photo register I try to present and understand, through images, subject of "recovering cities" regarding the relationship between the government, the Municipal Government of Belo Horizonte, and the homeless population. From the observation of the photographs is possible to conclude that the city government of Belo Horizonte faces homeless population as a problem and do not care properly most of this population group. In addition, through mechanisms aimed at the removal of the population of certain areas of the city, the public agency try to reach gentrification of city through this part of the population.

### Keywords

Homeless. City Government. Gentrification.

## Belo Horizonte y las personas sin hogar: ¿reintegración o limpieza?

### Resumen

Los habitantes de la calle corresponden a un grupo de población de las ciudades, sobre todo de los grandes centros urbanos. En la pobreza, estos actores sociales hacen uso de la calle como una forma de la vivienda y la supervivencia. Sin embargo, la forma poco convencional de su forma de vida es vista por el gobierno como indeseable. En este registro fotográfico procure presentar y comprender, a través de imágenes, el tema de la "recuperación de las ciudades" con respecto a la relación entre el gobierno, el Gobierno Municipal de Belo Horizonte, y la población sin hogar. A partir de la observación de las fotografías es posible concluir que el Gobierno de la ciudad de Belo Horizonte se enfrenta la población sin hogar como un problema y no ver la mayor parte de este grupo de población. Además, a través de mecanismos destinados a la eliminación de la población de ciertas zonas de la ciudad, el poder público búsqueda aburguesamiento de la ciudad por medio de esta porción de la población.

### Palabras clave

Habitantes sin hogar. Ayutamiento. Gentrificación.

## Autoria

### Aritana Sousa Dutra de Melo

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
Professora Assistente do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do  
Piauí. E-mail: [tanadutra@hotmail.com](mailto:tanadutra@hotmail.com).

### Endereço para correspondência

Rua Chico Doca, 605, Acarape, Teresina, PI, Brasil. CEP: 64003-830. Telefone: (+55 86)  
988381424.

### Como citar esta contribuição

MELO, A. S. D. Belo Horizonte e os moradores de rua: reinserção ou limpeza? Farol  
– Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p.  
327-349, abr. 2015.

*Contribuição Submetida em 10 jan. 2015. Aprovada em 10 jan. 2015. Publicada online em 10 fev. 2015. Sistema de avaliação: Convite. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.*

